

O COMUNISTA



ORGÃO DO PARTIDO COMUNISTA PORTUGUEZ (C. P. I. C.)

Numero avulso 20 centavos

PROPRIEDADE DO GRUPO EDITOR "O COMUNISTA"



Redactor principal: J. CARLOS RATES

EDITOR: JOSÉ RODRIGUES

Redacção e Administração RUA DO CONDE DAS ANTAS, 51 2.º

Composição e impressão TRAVESSA DA AGUA DE FLOR, 88 - LISBOA

Será verdade?

Há poucos dias o correio trouxe-nos esta curiosa carta:

Amigo e Sr. J. Carlos Rates:

Não o posso provar juridicamente, mas tenho informações seguras e a certeza moral de que alguns homens da finança subsidiaram os autores de atentados. E' extranho, não he' parece? E' com que fim e fação? Mas há mais: as minhas informações dizem tambem que há comunistas de categoria envolvidos neste negocio, servindo de intermediarios entre uns e outros. Deixo a seu cuidado e fazer juizo sobre os factos que venho de narrar.

Seu amigo e admirador

Um simpaticante do comunismo.

Esta carta não tem valor de maior por se tratar dum documento anónimo, o que não nos dispensa de o comentarmos.

Se os factos nela contidos são verdadeiros, de duas uma: ou se trata dum grupo financeiro que pretende desfazer se dalguns adversarios ou a finança prepara um estado de intranquillidade tal que torne possível e aceitavel uma situação do fascismo, que nós vemos já claramente desenhada.

O mais grave de tudo, porém, seria a intromissão de comunistas num tal negocio vergonhoso. E se se constatasse que o Partido Comunista estava afectado duma crise moral tão profunda e grave o seu organismo director saberia salvá-lo a golpes de audacia e de energia, retalhando-o e expurgando-o de todas as impurezas, sem a menor consideração por essas pessoas, fossem quais fossem, sem o menor receio de perigos e ameaças, vin das donde quer que seja.

A confirmar se o que diz a carta acima haveria para nós a vantagem de liquidar duma vez por todas nma situação equívoca.

Uma entrevista

No *Correio da Noite* de 31 de Maio lêmos uma entrevista com um comunista sobre a tragedia dos Olivais.

Lemos e pasmamos de tanta imbecillidade e estupidez

Mas será, de facto, um comunista o entrevistado? E' possível. E' pena no entanto que não tivesse a coragem de dizer o nome para nos livrarmos de tão estúpida companhia.

Há insignificantes que para se darem ares de valorem qualquer cousa falam em nome de organismos como se estes podessem servir a cobrir a sua vaidade, a sua vacuidade e a sua covardia.

Realmente! Quem seria o camelo que engendrou aquele aborto?

IRRADIAÇÃO

Por proposta de J. Carlos Rates foi irradiado do P. C. P. o antigo filiado Armando Martins, ex-empregado da Companhia Carris de Ferro de Lisboa.

A. O. O. do P. C. P., apreciando a tragedia dos Olivais constata que o seu governo que compete executar a lei e faz-la cumprir e tendo consentido na excoçção sumaria de dois individuos, barbaramente assassinados sem julgamento prévio, deu á sua propria o exemplo do arbitrio e do atentado, annuncian-do assim todos os desvarios e violências.

A' DIREITA E A' ESQUERDA:

FOGO VIVO!

Num editorial do 15 de Outubro de ano anterior intitulado *Situações claras* nós dizíamos:

«Nós não defendemos criminosos vulgares só porque se digam comunistas. Nem todos poderão dizer o mesmo.

A J. C. condena formalmente o atentado pessoal. Isto não quer dizer que nuna acção de massa tenhamos hesitações em recorrer aos processos de guerra.»

Tambem no nosso numero de 19 de Janeiro do corrente ano, numa local intitulada *Atentados pessoais* dizíamos:

«Ultimamente a imprensa tem registado a pratica de alguns atentados em Lisboa, praticados por meio de bomba de dinamite. Alguns destes actos revelam tanto de estupididade como de cobardia.

Recordamos a todos os nossos camaradas que a J. C. é formalmente oposta, por principio e por tactica, ao postulado da bomba e do atentado pessoal.

Quanto mais não seja pela improfeccidade de tais actos.

Nós somos pela acção de massa, sem nos repugnar neste caso os processos de guerra.»

Temos pois uma autoridade especial para falar no momento presente. Não se tem outros que agora manifestam tanta indignação.

Vai para quatorze anos que vivemos em regime republicano. Mas muitos anos antes do seu advento já nós conheciamos o atentado pessoal e o uso da bomba de dinamite como processos tacticos de combate á monarchia. Nunca a imprensa republicana teve a coragem para repetir esses meios de luta. Foram os republicanos que entre nós ensaiaram, em larga escala esses processos. Mesmo já depois do advento da Republica, nas lutas entre as diversas fracções republicanas, tom-se empregado a bomba e a pistola como argumentos decisivos.

E' por isso mesmo que passamos da audacia desses mesmos republicanos que agora se mostram muito indignados com o uso da bomba e da pistola que eles iniciaram e praticaram.

Falhas-lhes inteiramente o prestigio para astoriar-nos a tal indignação. Não o glorificador de *Daiz*, *Alfredo Costa* e *Julio José da Costa* tem um largo quinhão de responsabilidades no que está ocorrendo.

Tambem os monarchistas não podem falar de papo. Daudet e Maurras ainda ha pouco pretendiam justificar o atentado pessoal, tendo intitulado *Os canchais de Rey*, o expediente de *Legião Vermelha*, *Donde saiu Vilão*, o assassinio de *Jaurès*.

E são os catholicos, os defensores de Ravallac e Jaques Clement, carecem de autoridade para condonar o atentado individual.

Nós falamos hoje como falavamos ontem, da tragedia dos Olivais.

Nós condemnamos o atentado pessoal porque longe de atingir fins precisos, constitue uma arma que se volta invariavelmente contra a seita que a emprega, porque tras resultados contraproducentes.

Isto se verificou em Barcelona. Os mesmos pistoleiros que assassinaram os industrialistas, liquidaram depois os operarios, entre os quaes haquem Salvador Búrgu, o mais estagoriado militante sindicalista do pais visinho. Vai-se facilmente do atentado pessoal ao banditismo.

O Partido Comunista aspira á posse do poder politico e á instituição do governo dos operarios e camponeses, governo revolu-

cionario, mas, em todo e caso, um governo do facto e regular, que se baseia em principios determinados. Esses principios não são naturalmente o arbitrio de qualquer pistoleiro, et-quantando-se de comunistas, socialistas ou anarquistas.

Se por qualquer forma, clara ou velada, esses pistoleiros encetarem a nossa parte sanção e apoio, se considerarmos a sua acção actual como benéfica á Revolução proletariana, com que direito poderiamos coibir amanhã, quando investidos do mandato revolucionario popular para dirigir os destinos do povo: essa mesma acção homicida e arbitraria?

Gerar-se-á sob a tutela dos pistoleiros? Ah! não! Nunca! Liquidem-nos antes. Porque um regime que a (tal se aguilanteia era um regime caesard, legitimamente liquidado no sangue verdade.

Acclamamos a Revolução com todas as suas violências e desvarios inevitaveis, porque a Revolução é a assina do novo mundo. Na Revolução ha scienciação do erro que deslustramos ha mancha negra que apayoram. O revolucionario que o é de verdade tem de aceitar a Revolução em bloco com as suas virtudes e as suas impurezas.

Em 22 de Fevereiro, por milhares que fomos de desvarios da multidão, nós inimigos que perdemos a vida. Estivemos lá, em sitio bem visível, para assumir responsabilidades.

Mas aqui tratava-se duma acção de massa, duma determinação colectiva. E nós conhecemos bem a moral da Historia. O revolucionario não são criminoso quando não sabido que não podiamos vencer. Triunfadores, a Historia proster-na-os a sua pé.

O atentado pessoal, porém, não tem a sanção colectiva dum povo em sofrimento, ainda que praticado contra um criminoso. Matar á frio, opeudo o crime ao crime, é condonavel.

Fomos assim e pensamos o sentimo, assim o dizemos sem o menor receio das consequências que a nossa attitude importe. Se amanhã, pela fatalidade das circunstancias, a Revolução nos dadas responsabilidades de governo, nós não poderiamos permitir nunca, sem uma repressão severa e rapida, os actos de banditismo, qualquer que fosse a bairrada que se bastasse para cobri-los.

O governo operario ou é um governo de força ou não é nada. Uma sociedade gangrenada - tal é o espectáculo que nos oferece a sociedade portuguesa - carece de doentes operações cirurgicas para salvar-se. Mas a mão que empunha a bisturi para dilacerar sem piedade a carne gangrenada deve reprimir com a mesma enorgia e tenacidade o crime e o abuso, sejam quaes forem as suas formas de exteriorisacão.

Dis-se que os três homens mortos nos Olivais eram autores do diversos atentados. Não afirmamos nem contestamos.

Um d'elles, Domingos Silva, o único filiado do P. C. P., teve baixa em combate, morreu matando. E a guerra. Para ele como para o seu antagonista, o cabo Neves, não viem nem a morte construa nem os nossos luvorvos. Foi a lógica do combate que os prestos vendicou. Mas os d'elles eram pais e maridos e envolve de equal modo a nossa piedade os seus filhos e as suas viúvas.

Cometeu se porem um crime barbaro, tão barbaro como os atentados precedentes, matando friamente, depois de presos, os dois

outros individuos, Jorge Pinheiro e Esquilão Belgo.

Não se pode exigir dos policias, homens rudes, sofrendo a miséria comum aos operarios e que não comprehendem - como nós e não comprehendemos tambem - que a eles, ultimos salarios, sejam pedidas responsabilidades do mal estar social de que eles são tambem victimas, não se lhes pode exigir, diziamos, que respondam com bojos a insultos e agressões. Os policias são homens não são santos. Responderam a tiro com tiro. E' lógico. Terminada a luta os presos os delinquentes, e resto era com a justiça regular.

Não se procedeu assim. Alguem - que todos nós sentimos quem é - ordenou que os presos fossem mortos. Os policias cumpriam a ordem. E o miseravel que ordeou, que se fizesse de valente, não teve ainda a coragem de, em plena luz, vir assumir a responsabilidade do seu feito. E o governo cobrindo e responsabilizando a situação desagrada. E' pássimo opor o crime ao crime. O governo fica na situação dum vulgar autor de atentados.

Não justificamos nem desculpamos os atentados cometidos pelos operarios ou pelo governo. Definimos bem a nossa posição.

A *Batalha*, orgão da C. G. T., define assim a sua:

Quando o governo quiser, poderá acabar com a causa dos d'ellos acontecimentos sangrentos que condemnamos. Para isso basta obrigar, por exemplo, a Moagem a pagar os 5.000 contos á Caixa Geral dos Depositos e a entrar nos cofres do Estado com os 7.000 contos de diferenciais que deve ha muito, e que ninguém teve ainda coragem de obrigar a satisfazer.

Esta é a resposta que damos ao sr. Ferreira do Amaral, que nos accusa na *Epoca* de estarmos no serviço da Legião Vermelha. Se isso é prosa subversiva, se estas verdadeiras considerações serenas são incitamentos ao atentado, consentimos que nos cortem a cabeça, realizando-se assim o desejo ardente do sr. commissário geral da policia.

Sentimos deveras, num momento tão difficil para os destinos do proletariado, não poder falar ceto com a *Batalha*.

Nem requeremos ao sr. Ferreira do Amaral um atentado de bom comportamento, nem negamos a nossa nossa qualidade de elementos subversivos, nem defendemos os interesses fúscos de Estado burgues, nem supomos que a questão social se resolve com uma simples liquidão de contas entre a Moagem e o Estado.

Sr. Ferreira do Amaral:

Nós somos subversivos, nós estamos convencidos de que uma subveccão popular estará determinada pela crise incuravel que corre o organismo social e podemos garantir-lhe a certeza, se antes disso não morrerem, do nos encontrar no logar que as circunstancias determinarem. Muito longe de autorisarmos o sr. Ferreira do Amaral a cortar-nos a cabeça - como reclama a *Batalha* e é proprio de quem não tem miolos e serenidade do animo - nós esforçamo-nos por conservar-lhe para virmos com estes olhos, quando chegar o grande dia, o perfil esguio do sr. Ferreira Amaral, do outro lado da barriada.

J. Carlos Rates

O salario agricola

O sr. Mario de Azevedo Gomes, ex-ministro da agricultura, realizou ha pouco uma conferencia a que os jornais da Moagem deram largo desenvolvimento e que na verdade parece ter sido elaborada para a defesa dos interesses daquela industria.

Disse o homem da «Seara Nova» que um dos maiores factores do custo da produção era a elevação dos salarios.

O sr. Mario de Azevedo Gomes,

que é incontestavelmente um homem de sciencia, não tinha necessidade de recorrer a esta mentira para defender á lavoura e a Moagem. Nas repartições officiais dos ministerios do Trabalho e Agricultura, faz se o registro mensal da elevação do custo das coisas. Actualmente o indice do custo de vida em referencia a junho de 1914 é de 34. Isto quer dizer que o que custava 1 naquelle data custa hoje 34.

Ora muito bem. Os salarios regulares naquella data eram respectivamente de 30, 40 e 50 centavos

por dia util, consoante os fogares e natureza do trabalho. Havia ainda salarios especiais para trabalhos especiais tambem.

Se nos quizermos referir apenas aos salarios regulares acima mencionados, vemos que para estarem actualizados, em função do preço das mercadorias, deveriam ser hoje de 9560, 12380 e 16500 respectivamente. Mas nada disto succede.

Os salarios agricolas vão de 6000 a 10500 e só excepcionalmente atingem 12500.

Pobres trabalhadores rurais! São eles que fazem o custo da vida!

A ditadura do proletariado

Em todos os campos da actividade humana os progressos scientificos tem marcado um periodo mais ou menos de transição.

Na astronomia e na química, na medicina como na mecanica a conjunção que hoje lhe notamos tem sido o resultado de lumeras experiencias que através dos seculos os nossos antepassados tem observado.

A principio contemplou-se o céu vagamente, e durante seculos o homem viveu ignorante dos movimentos celestiales. Hoje, porem, está demonstrado claramente que a terra não é mais do que um satellite gravitando em volta do Sol.

A maquina que nós vemos hoje empregada em todos os campos da actividade fabril, não é tambem senão o resultado dos varios e complexos estudos dos elementos do seculo XVII.

Huigens em 1690 tentando aproveitar a pressão atmosferica para mover um embolo; o francez Papin applicando o vapor de agua, e o engenheiro Stenfansons ordenando e regularizando a distribuição do mesmo vapor, mostram-nos exuberantemente que no campo da sciencia tem marcado um periodo mais ou menos extensivo de evolução para exequibilidade dos seus objectivos.

Por largo espaço de tempo a maquina não ponde dispensar o «rapaz da corda», e desde Papin a Stenfansons medelam bastantes anos, até que enfim a maquina se ponde mover por si propria.

Na mecanica social o mesmo facto se opera, e a humanidade, que durante seculos tem sido movida pela mão do capitalismo, está destinada a se-lo ainda pelo Estado proletario; até que, liberta de todos os seus inimigos, ela possa mover-se por si propria sem necessidade do Estado, quer seja democratico quer seja ainda proletario.

Organizar, pois, a massa proletaria das fabricas, das casernas e dos campos; vibrar o golpe de força, que tire das mãos do capitalismo o poder politico e passa lo para as mãos do proletariado, affigura-se me ser a missão essencial de todos aqueles que aspiram a uma sociedade de trabalho, justiça e equidade.

Como nas sciencias, a humanidade segue o seu curso e não é bruscamente que ultrapassa os limites da sociedade capitalista.

Portanto, a ditadura do proletariado impõe-se como verdadeira síntese da verdadeira democracia operaria.

«Sem a tecnica do capitalismo todo o socialismo é impraticavel.»

Carlos Marques Metalurgico, ex-ferroviario

O 5.º Congresso Mundial

Abre no dia 15 do corrente, em Moscovo, o 5.º Congresso da Internacional Comunista.

O P. C. P. faz-se representar pelo camarada J. Humbert Droz que muito bem conhece a situação da Secção Portuguesa e a cujo esforço esperamos dever novos serviços.

Um passo em frente? ou um passo á retaguarda?

Lenine escreveu numa brochura universalmente conhecida — *A doença infantil do comunismo* — estas palavras: «Só quando as camadas inferiores não querem já o antigo regime, e quando as camadas superiores não podem já continuar este antigo regime, só então a revolução pode triunfar».

Em Portugal o povo está irremediavelmente divorciado do regime republicano democrático que nos rege. Demonstrou o povo de Lisboa na jornada de 22 de Fevereiro.

E por esse país fora, embora as manifestações não atinjam essa importância, toda a gente murmura contra o governo.

Este, colado, vê-se seriamente atrapalhado para equilibrar o barco que mete água por todos os lados.

Não, a solução democrática, já ninguém nela acredita. E os próprios governantes dão nos a impressão de serem os menos crentes. Ainda há pouco, no Congresso Democrático do Porto, o actual ministro da justiça, com grandes aplausos da assembleia, deu um grande rombo na ideia do direito de propriedade que é o próprio fundamento da democracia burguesa.

O povo já não quer este regime, a burguesia não pode já governar com ele.

E' possível, portanto, a Revolução?

Cuidado, que a burguesia ainda tem ao seu alcance outros meios de governar. Os exemplos da Itália, da Alemanha e da Espanha animam a Moagem e a Alta Banca a tentar a entrega do poder á soldadesca profissional (o modelo adoptado pela reacção portuguesa é o alemão e espanhol). Não tenhamos ilusões e esperanças. A reacção alia as garras, perdão, a espada, e é dever nosso prever e procurar evitar o assalto. Isto já aqui foi dito pelo secretário geral do Partido, mas não é demais repeti-lo.

A burguesia já não pode governar com o regime democrático mas von Seek e Rivera provam-lhe que pode aguentar-se mais algum tempo, governando doutra forma.

A imprensa da Moagem e da Finança mais ou menos disfarçadamente vai lançando a ídela.

As penas mercenárias dos lacaios da burguesia que escrevem no «Noticias», no «Século» e no «Diário de Lisboa», apanhando o pretexto dos atentados que alguns patetas tem cometido em Lisboa ultimamente, veem habilmente preparando a opinião publica para a ditadura militar.

O jovem Partido Comunista Português pode e deve ter neste momento uma acção decisiva na marcha da politica nacional.

Operários de Portugal! Lembrai-vos de que a unica força que se pode opôr seriamente ao Riverismo português, é o proletariado organizado.

Democratas burgueses e social democratas, com esses não se pode contar para nada.

Uns irão engrossar as fileiras dos partidários da maneira forte, outros tentarão deter a onda reacçãoaria a golpes de discursos.

O que é preciso?

Perturbar, atrapalhar os governos, incitar á greve, desorganizar a vida nacional, por todos os meios lançar a confusão entre a burguesia, por grandes movimentos de massas. A esta obra de desorganização da sociedade, deve porem corresponder outra de organização para o proletariado.

O panico lançado entre as classes exploradoras dará resultados contra-procedentes se a esse trabalho negativo não corresponder um trabalho de organização do proletariado sob as bases da mais rigorosa disciplina de classe.

Esta é a obra do P. C.

E' preciso que em cada comunista haja um militante.

E' preciso que á frente das greves, das manifestações, expondo se sacrificando-se, a multidão veja sempre os comunistas.

E' preciso ir ao encontro das classes inimigas da sociedade, das classes que não vão aos comícios nem ás sessões de propaganda, que não leem jornais nem sequer sabem ler. E' necessario ir ao encontro do povo onde quer que ele esteja, nos campos ou nas oficinas, nas mais imundas tabernas, nos quartéis e nos navios de guerra.

Lembremo-nos que é entre os soldados e as mais baixas camadas do proletariado que a burguesia recruta os batalhões fascistas.

E' preciso tomarmos lhe a dianteira e levar esses nossos desgraçados irmãos de trabalho e de miséria ao bom caminho — ao caminho que, sob a bandeira já gloriosa da 3ª Internacional leva á emancipação do proletariado.

Não nos pensem a esforços, saibamos aproveitar o menor incidente por banal que pareça, para chamar á vida politica activa as classes mais atrasadas.

Os manifestos, os pequenos papéis impressos contendo poucas palavras acessíveis ás mais débéis inteligencias, não devem ser pou pados.

E' esta a nossa tarefa, tarefa difícil sem dívida mas que para um partido revolucionario não deve ser impossível!

Não devemos esquecer tambem que a I. C. reprova o atentado pessoal, como meio de luta, por idiota e prejudicial á classe operaria.

Nós reprovamos o atentado pessoal, não por falso humanitarismo como o fazem os escribas a soldo da Moagem, mas porque reconhecemos a sua inutilidade.

A guerra social tem as suas baixas em ambos os campos, bem o sabemos; mas não devemos gastar as nossas munições e as nossas forças em combates de patrulhas. Lembramos a todos os camaradas que a burguesia é, por enquanto, mais forte do que nós.

Será, pois, conveniente, guardar as bombas e as balas para o momento oportuno.

Na situação em que nos encontramos, tanto podemos dar um passo em frente, como um passo á retaguarda.

Daqui temos que sair para algum lado: ou para a ditadura dos operários, das camponeses pobres e dos soldados, ou para a ditadura da alta Banca e da Moagem firmada nas espaldas dos generais.

A unica força capaz de resistir á reacção é o proletariado.

Organisemo-nos sob a mais rigorosa disciplina de classe, cerrando fileiras em torno do P. C. e para a frente é o caminho!

Alto governo dos operários, soldados e camponeses!

Viva a Revolução!

A. Miranda

Não nos sentimos bem!

O ambiente que atualmente se respira não é bom. O que vemos não diariamente? Vemos desolação e desconfiança.

Quem tem a responsabilidade deste mal social? O capital somente?

Há tambem operários que em virtude do mal desfolgado em que vivem, tem contribuído para o desmoronamento e desconfiança do povo. Aqueles que tinham o dever de apoiar a Revolução Social para arrancar o poder das mãos da burguesia, a fim de chegarmos á tão apregoadá perfeitabilidade humana, são exantamente os que fechados na sua torre de marfim, tornaram a sua propaganda anti-revolucionaria, pretendendo retardar o desenvolvimento.

Ainda os trabalhadores rurais, e especialmente o escol desta classe, não compreenderam isto?

Não os camponeses não somos burgueses nem anárficos salarios que condigam com o ensino da vida para estarmos do acordo com os patrões de todo o mundo.

Não, não precisamos melhorar a nossa situação, o que não conseguimos na sociedade burguesa. A nossa libertação da miséria só será um facto quando apertarmos a burguesia, antes disto não, é um mito pensar o contrario. Portanto, é preciso que se diga alto e bom som os rurais não são, nem dentro desta sociedade podem ser, partidários do anarquismo, e embora haja camadas que se dizem anarquistas á apenas por fantasia ou por vaidade.

O que os rurais não, dá a miséria em que vivem, é revoltados contra o existente e partidários da revolução imediata.

Francisco Dias

Rural, sindicado

Vitorias Comunistas

As eleições gerais na Alemanha e na França que acabam ha pouco de realizar-se, são incontestavelmente duas soberbas vitorias para as forças comunistas.

Na Alemanha, onde existiam apenas 4 deputados comunistas, ficaram eleitos 62.

Mas é preciso que se saiba: o Partido Comunista Alemão teve a sua imprensa suspensa, as suas sedes fechadas, os seus dirigentes exilados. No proprio momento das eleições, 7.000 dos seus filiados estavam e continuam encarcerados.

Na França, a victoria comunista é ainda mais significativa.

De 7 deputados comunistas o P. C. F. passou a ter 29. Mas, o P. C. F. foi ás urnas somente com as suas forças contra as forças colligadas dos grupos da direita e da esquerda. E' isto que é preciso examinar com cuidado. E ainda mais: os deputados comunistas eleitos foram-no por Paris e circuitos proximos.

Todavia, não se tirem destes factos ilações que eles não comportam. O maior numero de deputados do Partido Comunista, em qualquer país, nem por isso significa por si só uma maior proximidade da Revolução. Na Alemanha, por exemplo, a Revolução está hoje mais afastada do que ha um ano.

E' que não ha probabilidades de Revolução sem crise capitalista e a situação da Alemanha, que ha um ano era desesperada, melhorou muito desde o fim do ano ultimo.

Enfim, a luta parlamentar não é para nós um fim mas simplesmente um meio, uma tribuna donde se brada clamorosamente a necessidade da Revolução. Porque, não se esqueça, nós não queremos a conquista do Estado pelos meios legais mas a conquista insosfismavel do poder politico por um acto insurreccional das massas populares, acto insurreccional que não pode ser confundido com os golpes de força que estamos habituados a ver produzirem-se para a simples troca dum governo por outro. Nada disto é para nós a Revolução.

Uma Revolução social tem que tocar as mais profundas camadas sociais. A este respeito Portugal é um dos países mais próximos da Revolução. E' um enigma para todos os observadores a existencia do regime burguês entre nós. Mas tem uma explicação que não é já nem a nossa posição geografica, nem a nossa situação economica deficitaria, considerações que não detem, a insurreccão popular que as não apreende e atinge, mas, simplesmente, é que á desagregação de cima não correspondeu ainda uma agregação conscienciosa das forças revolucionarias.

O P. C. P. sente bem a necessidade desta acção e sente se capaz de a levar a cabo, com uma coragem — a dum concurso efectivo e decisivo da I. C.

Em boa verdade, não temos senão este apoio.

Livraria Renascença

Obras literarias, scientificas, profissionais e artisticas de autores portugueses e estrangeiros.

Trabalhos tipograficos, cartões e livros de escripturação, mapas de descarga de quotas e de matricula, para Sindicatos, Cooperativas, Comunas, Juventudes, etc.

Grande sortimento em material escolar, artigos de papelaria e escritorio, sempre aos preços mais baratos do mercado.

A grandiosa obra de Viett, Hugo, O Mil-Sovezevite, illustrada, por assinatura a toques e encadernada com capas esportivas em dois grandes volumes a 4000, encostando 5000 de porte e embalagem para a provincia.

Supre-se como antigo e novidade Livraria JOAQUIM CARDOSO

R. B. dos Poins de S. Bento, 11 — LISBOA

Suprataria Lusitana

— DR —

Candoso & Oliveira

Calçado para homem, senhora e criança

Embarrega-se de todos estabelecimentos por medidas

Empregam-se os melhores materiais primas, nacionais e estrangeiros

R. B. dos Poins de S. Bento, 20 — LISBOA

O ABASTECIMENTO

é o mais difícil e o mais importante dos problemas revolucionarios

Nada ha mais difícil de organizar, nada ha que mais deva preocupar as nossas atenções do que o problema do abastecimento no dia seguinte ao da Revolução.

O acto revolucionario, com a profundidade e extensão que tem todas as revoluções sociais, implica a paralisação subita do trabalho, a sua desorganização momentanea, a paralisação dos transportes e do comercio regular, enfim, o cometimento dos maiores desvarios, o que tudo concorre em grau extremo para dificultar o problema do abastecimento.

Que sorte poderia esperar o partido ou a fracção revolucionaria que no dia seguinte á Revolução não garantisse ás populações os alimentos indispensaveis, sobretudo o pão?

As dificuldades a vencer serão enormes como se deve calcular e mais de um revolucionario, ao entreve-las, terá pensado em adiar indefinidamente o acto revolucionario antes de pensar na maneira pratica de resolver o problema.

Nós, pelo contrario, clientes e seguros, das dificuldades que traz o proprio acto revolucionario, sabendo muito bem que os assaltos, os roubos e os desvarios de toda a especie são inevitaveis em actos desta natureza, devemos desde já concentrar as nossas atenções na maneira de atender de pronto ás necessidades mais instantes da população.

E' assim que a posse de algumas das principais fabricas de moagem e de panificação, de armazens e depositos de viveres, tem de fazer parte do plano estratgico da Revolução.

A posse destes armazens e fabricas, tanto como a posse dos pontos estratgicos militares, dos quartéis e das comunicações telegraficas, é que asseguram o exito da Revolução. De modo que impõe se desde já o estudo do numero e do local dos armazens e fabricas que convem ocupar no inicio do acto revolucionario.

A revolução social, corolaria de multipias acções e combates parciais, é o levantamento da população em massa. No meio desta população sublevada destaca-se o nucleo dos que reservam as ideias directrices da Revolução. Este nucleo é necessariamente restrito. E' a este nucleo disciplinado que incumbem a concentração de esforços nos pontos decisivos. O que é secundario e accessorio tem de ser

abandonado ao desvario das massas. Perdas e prejuizos lamentaveis terão de registrar-se. E' esse o destino das grandes Revoluções dos nossos dias.

A acção destrutiva das massas limita-se no entanto aos centros urbanos. O descongestionamento subito das grandes cidades, o que é fatal a seguir ao acto revolucionario, um sistema de requisições, garantido por pagamento aos camponeses detentores das mercadorias, regulará inicialmente, por ou melhor, o problema do abastecimento.

Trata se aqui, evidentemente, de soluções transitorias, em plena acção combativa e revolucionaria.

O Partido Comunista formula como uma das suas reivindicações imediatas o monopollio do comercio externo.

Se bem que esta função requiera aptidões muito excepcionais e a organização dum aparelho maleavel e rapido como é indispensavel para a troca, aquisição e venda das mercadorias, contra todos os insucessos administrativos e deficiencias de gestão dum serviço tão complicado como é o comercio externo dum país mesmo pequeno como o nosso, esta medida não pode deixar de ser posta em pratica imediatamente pelo governo revolucionario, do mesmo modo que o comercio bancario.

O banco e o comercio externo, constituem nas mãos do governo revolucionario, as mais poderosas armas politicas.

Quanto ao comercio retalhista o nosso ponto de vista é substituído por um sistema integral cooperativista. Todavia, esta tarefa não pode ser executada imediatamente. Por dolorosa experiencia nós conhecemos as dificuldades e os insucessos do cooperativismo na sua função mais simples — a distribuição. Os insucessos experimentados não provam contra o principio da co-operação, mas indicam nos que seremos forçados a tolerar por algum tempo ainda o comercio particular e que o cooperativismo, não obstante todo o nosso desejo e boa vontade, reserva nos ainda novos insucessos, novas dificuldades, todas provenientes da nossa falta de capacidade administrativa das camadas populares.

As transformações economicas não se operam de facto. São sempre lentas e dispendiosas.

J. Carlos Rates

Cuidado com os palradores

Os palradores são a praga mais comprometedora dum partido ou duma agremiação.

Nos deuse de falarem — muitas vezes até na boa intenção de serem prestaveis á causa que defendem — são levados a afirmações menos verdadeiras e a revelações insensatas de que resulta maior ou menor desprestigio para a colectividade em nome de quem se apresentam.

Nós analisamos frequentemente ouvir falar pouco os que mais sabem e ouvir ascusar á conferência muito os que pouco sabem. E' porque os primeiros conhecem o que valem e reclamam cair no ridiculo excedendo se enquanto que os segundos sendo ignorantes não possuem a noção do flasco.

Os problemas comunistas são variadissimos e complicados sendo portanto de toda a utilidade que cada comunista se dedique ao assunto de sua maior vocação e o discuta e o propague, sem contudo, bem entendido, deixar de estudar e conhecer os outros assuntos.

Reffro-me, notem bem, aos comunistas mecos cultos.

A falencia dos nossos principais politicos provem justamente de terem sido nomeados para as diversas pastas homens e não especialidades. Em ministros é onde eles se tem que mais todos.

Fazem lembrar essas crufaturas de sete officios, que se mostram incapazes de ganhar o pão por um deles.

O Partido Comunista vai sendo alguma coisa mais que uma associação de classe onde todas as asneiras são relevadas. Vai reduzindo a si elementos de valor intelectual que não estão dispostos a perder o tempo a ouvir fofocas; portanto, que cada comunista se limite á medida do seu saber. Ha no partido muito trabalho onde se podem dedicar todos os esforços maiores ou menores.

A maior intelligencia de cada um consiste em saber que não sabe o que de facto não sabe.

E' será optimo que cada um pare onde deve parar para não sofrer o desgosto de ser chamado á ordem. Com vista a alguns palradores.

Antonio de Moura

Toda a correspondência para o P. C. P. deve ser dirigida á J. Carlos Rates, travessa do Tarajo, 8.